

GERENCIAMENTO DE RESULTADOS: O IMPACTO DO CICLO DE VIDA ORGANIZACIONAL E DA ADOÇÃO DAS IFRS

FRANCISCO CARLOS DA COSTA FILHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (UFRR)

MÁRCIA MARTINS MENDES DE LUCA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

ALAN DIÓGENES GÓIS
CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS (FMU)

GERLANDO AUGUSTO SAMPAIO FRANCO DE LIMA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

GERENCIAMENTO DE RESULTADOS: O IMPACTO DO CICLO DE VIDA ORGANIZACIONAL E DA ADOÇÃO DAS IFRS

1 INTRODUÇÃO

A contabilidade desempenha importante papel ao reduzir conflitos de agência, procurando mitigar a assimetria informacional entre os seus usuários (BERLE; MEANS, 1932). A assimetria informacional ocorre quando, em uma transação, uma das partes detém mais informações do que a outra. Nesse sentido, a Teoria da Agência enfatiza que se o agente e o principal agem tendo em vista a maximização das suas utilidades pessoais, há uma boa razão para se acreditar que o agente nem sempre agirá buscando atender ao melhor interesse do principal (JENSEN; MECKLING, 1976), o que, portanto, pode gerar assimetria informacional.

Diante disso, pode-se afirmar que as práticas contábeis caminham de acordo com o objetivo do agente ou do principal, porquanto o proprietário procura maximizar o valor da empresa por meio de escolhas contábeis que minimizem os custos de transação da firma, enquanto o gestor usa práticas contábeis para maximizar sua utilidade. Percebe-se, então, que a discricionariedade inerente à prática contábil suscita um questionamento quanto à confiabilidade de divulgações por parte dos usuários da informação, prejudicando o desenvolvimento do mercado de capitais, já que apenas os gestores deteriam as informações que realmente representam a realidade econômica e financeira da firma. Dessa forma, observa-se que quanto maior for o grau de incerteza das operações, maior será a demanda por informações (MUELLER, 1972).

Esse conflito afeta a informação contábil, já que ela sofre influência de diversos aspectos relacionados à gestão, como a definição de critérios de reconhecimento, mensuração e evidenciação, também conhecidos por escolhas contábeis. Tais influências estão diretamente ligadas ao comportamento do gestor, haja vista que este pode agir em prol de interesses pessoais (DECHOW; GE; SCHRAND, 2010) ou, mais especificamente, pode fazer escolhas contábeis com o intuito de influenciar a interpretação dos *stakeholders* acerca do desempenho da firma, ou mesmo atingir metas pactuadas, caracterizando-se, assim, a prática de gerenciamento de resultados (HEALY; WAHLEN, 1999).

O gerenciamento de resultados é, muitas vezes, uma representação distorcida e intencional do desempenho econômico da firma, dentro das alternativas possibilitadas pelas normas contábeis; não se confunde com fraude (DECHOW; SKINNER, 2000; MULFORD; COMISKEY, 2002), e ocorre devido à discricionariedade dos gestores no processo de elaboração dos relatórios contábeis. A prática de gerenciamento de resultados é uma atividade de manipulação que pode ter objetivos distintos (MULFORD; COMISKEY, 2002), sendo a manipulação por *accruals* a abordagem mais comum na literatura (DECHOW; GE; SCHRAND, 2010).

Dechow, Ge e Schrand (2010) apontam diversos determinantes do gerenciamento de resultados, tais como: características da empresa, governança e controles, auditoria, incentivos do mercado e fatores externos. Alguns desses determinantes, quando observados em conjunto, obedecem a determinados padrões, que caracterizam o estágio de ciclo de vida em que se encontra a empresa. Segundo Moores e Yuen (2001), as características internas e os contextos externos em que se encontra inserida a organização podem acarretar mudança de estágio de evolução, o que, por sua vez, acarreta alterações no ciclo de vida organizacional.

O planejamento dos negócios e o uso de técnicas de controle de gestão diferem entre os estágios do ciclo de vida organizacional (SILVOLA, 2008), e, portanto, podem produzir efeitos significativos sobre os aspectos mercadológicos, estratégias de investimentos e financiamentos em cada fase de vida da empresa (LIMA et al., 2015). Diversos estudiosos apresentaram modelos de ciclo organizacional com fases distintas, havendo, contudo, maior

predominância da concepção de modelos com cinco estágios de ciclo de vida (DICKINSON, 2011; GORT; KLEPPER, 1982; MILLER; FRIESEN, 1984; YAN; ZHAO, 2010), a saber: nascimento, crescimento, maturidade, turbulência/reorganização e declínio.

Park e Chen (2006) versam que o ciclo de vida organizacional é um atributo que pode ajudar a capturar diferenças gerais nas economias, sugerindo que as empresas em distintos estágios do ciclo de vida possuem diferentes características financeiras, que afetam o valor e a relevância da informação contábil. Dentre os estágios do ciclo de vida organizacional, a maturidade é o estágio de maior estabilidade financeira e operacional, sendo esperado que os gestores se engajariam menos em práticas de gerenciamento de resultados (DICKINSON, 2011).

Além disso, outros fatores podem gerar efeitos nas práticas de gerenciamento de resultados, nas distintas fases de vida das empresas, como o aumento da qualidade das informações mediante adoção de um padrão de divulgação de informações contábeis. Nesse contexto, destaca-se um importante elemento, que pode estar associado à correlação entre o gerenciamento de resultados e o ciclo de vida da empresa: a adoção das normas internacionais de contabilidade, as International Financial Reporting Standards (IFRS).

Considerando-se que os diferentes estágios de ciclo de vida da empresa apresentam distintas características de estrutura, financiamento e planejamento estratégico (CHOI; CHOI; LEE, 2016; DICKINSON, 2011), e que a adoção das IFRS proporciona maior comparabilidade das demonstrações financeiras, aumento de transparência e da qualidade das informações (BARTH; LANDSMAN; LANG, 2008; VAN TENDELOO; VANSTRAELEN, 2005; ZEGHAL, CHTOUROU; SELLAMI, 2011), é de se depreender que tais elementos podem gerar impactos no gerenciamento de resultados de empresas sediadas em diferentes países.

Diante do exposto, apresenta-se o seguinte problema de pesquisa: De que forma o ciclo de vida organizacional e a adoção das IFRS influenciam o gerenciamento de resultados? Assim, este estudo tem por objetivo investigar a influência dos estágios de ciclo de vida organizacional e da adoção das IFRS no gerenciamento de resultados.

Para atender ao objetivo da pesquisa, considera-se uma população global de empresas na base Compustat Global®, sendo a amostra definida em função da disponibilidade dos dados do período de 2002 a 2016. Como métrica de gerenciamento de resultados, adota-se o modelo de Jones (1991) modificado por Dechow, Sloan e Sweeney (1995), e, para os estágios de ciclo de vida das firmas, utiliza-se o modelo proposto por Dickinson (2011) em mais de 35.000 empresas de 63 países.

Além disso, cabe ressaltar a contribuição do estudo para a literatura que trata dos efeitos da adoção das IFRS pelas empresas, considerando-se a relação entre os construtos gerenciamento de resultados e ciclo de vida organizacional, haja vista que o processo de convergência contábil internacional influencia as informações contábeis evidenciadas, conforme difundido pela literatura (BALL, 2006; BALL; KOTHARI; ROBIN, 2000; ISMAIL et al., 2013; JEANJEAN; STOLOWY, 2008; VAN TENDELOO; VANSTRAELEN, 2005; ZEGHAL; CHTOUROU; SELLAMI, 2011). Assim, o estudo identificou que as empresas nos estágios iniciais engajam-se em gerenciamento de resultados de forma agressiva, e que aquelas de países que adotam as IFRS gerenciam menos resultados. Constatou-se também que a qualidade informacional, observada pela adoção das IFRS, mostra-se relevante para as empresas no estágio de declínio, já que aquelas com essas características realizam menos práticas de gerenciamento de resultados. Essas evidências podem auxiliar investidores e órgãos reguladores no processo de avaliação e monitoramento das companhias.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Devido à impossibilidade de haver um contrato completo e agentes perfeitos, a empresa permanece à mercê das decisões dos gestores, que podem ser voltadas para o atendimento de objetivos particulares e não organizacionais. O problema de agência parte do pressuposto de que as informações não são igualmente distribuídas entre os gestores e os proprietários, e que aqueles detentores de mais informações podem tomar decisões oportunistas e movidas por interesses próprios (JENSEN; MECKLING, 1976).

Nesse contexto, pode ocorrer um aumento de assimetria informacional (AKERLOF, 1970), já que cada agente toma decisões apoiadas nas informações disponíveis, podendo haver mais vantagens para aqueles possuidores de mais informações. Para se reduzir esse conflito de interesses, há a possibilidade de se criar mecanismos com a intenção de alinhar o interesse das partes e acompanhar a ação do agente, visando a controlar ou até mesmo a reduzir a maximização do valor do agente, embora todas essas ações possam ser onerosas, definidas como o custo da agência.

A contabilidade é um mecanismo voltado para a redução da assimetria informacional (HEALY; PALEPU, 2001). Jensen e Meckling (1976) afirmam que quanto menor for a assimetria, menores serão os custos de agência, pois não haveria necessidade de outros mecanismos para obter a informação real, já que as demonstrações contábeis deveriam representar a realidade financeira da empresa de forma íntegra e confiável. Entretanto, os gestores podem optar por determinadas escolhas contábeis, com o intuito de influenciar a interpretação dos *stakeholders* acerca, por exemplo, do desempenho da firma, configurando-se, assim, a prática de gerenciamento de resultados (HEALY; WAHLEN, 1999).

O gerenciamento de resultados diz respeito à escolha, pelo gestor, de métodos contábeis que afetam o lucro e o conteúdo informacional, visando a atingir propósitos específicos em relação ao resultado reportado. Dechow e Skinner (2000) destacam que o gerenciamento de resultados consiste na intervenção proposital no processo de evidenciação, com a intenção de obter vantagem ou algum ganho particular. Lima et al. (2015) descrevem o gerenciamento de resultados contábeis como a má representação intencional do desempenho econômico da firma, dentro de alternativas possibilitadas pelas normas contábeis.

Além da ação do gestor, outros fatores podem influenciar as práticas de gerenciamento de resultados. Jeanjean e Stolowy (2008), por exemplo, analisaram o efeito das IFRS no nível de gerenciamento de resultados de empresas da Austrália, da França e do Reino Unido. Os resultados encontrados na Austrália e no Reino Unido, países de sistema legal *Common Law*, indicaram que o nível de gerenciamento diminuiu após a adoção das IFRS. Já na França, de sistema *Code Law*, o padrão contábil internacional contribuiu para aumentar os níveis de gerenciamento de resultados.

A literatura corrente documenta ainda que a qualidade das informações contábeis tem sido analisada com base em vários aspectos institucionais e organizacionais, incentivos, eventos específicos e outros (DECHOW; GE; SCHRAND, 2010; DICHEV; GRAHAM; HARVEY, 2013); porém, poucas evidências são apresentadas acerca da sua correlação com o ciclo de vida da firma (LIMA et al., 2015).

A identificação do estágio de desenvolvimento em que se encontra a organização pode ajudar seus gestores a conhecer as características organizacionais e entender as correlações entre o ciclo de vida e as estratégias competitivas (DICKINSON, 2011). Drake (2012) descreve que o objetivo da análise do ciclo de vida da firma consiste em avaliar como as variações nos incentivos, restrições e estratégias estão relacionadas com as decisões dos seus gestores e o desempenho da empresa.

Gort e Klepper (1982) dividem o ciclo de vida em cinco estágios: nascimento, crescimento, maturidade, turbulência e declínio. No primeiro estágio, a empresa não opera com lucros, de modo que seus fluxos de caixa operacionais tendem a ser negativos, com investimentos em instalações, fazendo com que os fluxos de caixa de investimento também

sejam negativos, e com atividades de financiamento positivo, pois buscam-se fontes externas de capital para manutenção de suas atividades (BARCLAY; SMITH, 2005; DRAKE, 2012).

Durante o estágio de crescimento, espera-se um tamanho maior para a firma, já que foram feitos investimentos no estágio anterior, dando condições para expansão do mercado, gerando lucratividade, tornando positivos os fluxos de caixa das atividades operacionais (JENKINS; KANE; VELURY, 2004). Contudo, seus recursos próprios podem não ser suficientes para suprir suas necessidades, forçando uma redução dos investimentos e aumento da necessidade de fontes externas de financiamento (DICKINSON, 2011).

No estágio de maturidade, as metas tornam-se funcionalmente homogêneas e eficientes (DICKINSON, 2011), caracterizando-se por elevada produção, apresentando como peculiaridade a estabilização do nível de vendas, decrescimento do nível de inovação e estabelecimento de uma estrutura organizacional mais burocrática (PARK; CHEN, 2006).

No estágio de turbulência, a empresa centra seus objetivos na recuperação ou na sobrevivência (DRAKE, 2012). Os gestores, muitas vezes, procuram eficiência e estratégias que visam a minimizar custos, em busca de reestruturar suas operações.

O estágio de declínio, de acordo com Mueller (1972), leva a firma a focar mais na minimização de custos, por meio da eficiência operacional (BLACK, 1998; JENKINS; KANE; VELURY, 2004). Por ela estar há mais tempo no mercado, existe uma pressão maior pela maximização do valor dos acionistas (BLACK, 1998; MUELLER, 1972).

Anthony e Ramesh (1992) destacam que nos estágios de nascimento e crescimento há uma alta expectativa de lucros, já que os investidores procuram verificar o desempenho da firma; contudo, no estágio de crescimento aumenta a pressão quanto ao desempenho, já que a empresa possui melhores estruturas e procedimentos mais estabelecidos (MILLER; FRIESEN, 1984). Nesse sentido, conjectura-se que essas características têm impacto no gerenciamento de resultados da empresa.

Diante disso, considera-se que o ciclo de vida da firma pode ser observado à luz da Teoria da Agência, pois, para se estabelecer contratos ótimos, faz-se necessário entender o estágio atual da empresa, haja vista que para atender à expectativa de crescimento, por exemplo, utiliza-se a remuneração do gestor como sistema de compensação, motivando, assim, a maximização do desempenho da empresa.

O ciclo de vida organizacional também tem reflexo na qualidade da informação contábil. Ao investigarem o efeito do conservadorismo contábil no valor da informação contábil, considerando diferentes atributos econômicos, Park e Chen (2006) observaram que as empresas em distintos estágios do ciclo de vida possuem diferentes características financeiras, fornecendo evidências de que o conservadorismo contábil tem um efeito conjunto com o estágio do ciclo de vida na relevância do valor da informação contábil.

Nagar e Sen (2017) assinalam que, dependendo do estágio de ciclo de vida, a empresa utiliza o gerenciamento de resultados por mudança de classificação. Chang (2015), por sua vez, analisou a relação entre o gerenciamento de resultados baseado em *accruals* e o ciclo de vida organizacional, concluindo que o gerenciamento varia de acordo com o estágio de vida da empresa. Observando a relação entre o gerenciamento de resultados por manipulação de atividades operacionais e o ciclo de vida, Nagar e Radhakrishnan (2015) também concluíram que, a depender do estágio de ciclo de vida, a empresa pode vir a utilizar a manipulação de atividades operacionais. Com base no exposto, é estabelecida a primeira hipótese do estudo, a saber:

H₁: O ciclo de vida da empresa está relacionado com o gerenciamento de resultados.

Dentre os diversos fatores empresariais que podem contribuir para reduzir a prática oportunística dos gestores, como já mencionado, destaca-se a adoção de padrões contábeis, que possibilita melhor harmonização com o mercado, trazendo, assim, maior segurança e credibilidade para os *stakeholders*.

A adoção das IFRS oferece transparência, busca a melhoria da comparabilidade internacional e o aumento da qualidade das informações financeiras, possibilita que os *stakeholders* tomem decisões econômicas sob bases mais bem informadas, fortalece responsabilidades, reduzindo a lacuna de informação entre provedores de capital e as pessoas às quais foi confiado o recurso, além de fornecer informações necessárias à responsabilização da gerência (LOURENÇO; BRANCO, 2015).

Como fonte de informações comparáveis em âmbito mundial, as IFRS são, também, de vital importância para reguladores em todo o planeta, contribuindo para a eficiência econômica, ao auxiliar investidores a identificar riscos e melhorar a alocação de capital. O uso de uma única e confiável linguagem de contabilidade reduz custos relacionados à produção de relatórios internacionais (IFRS, 2017).

Ball (2006) observa que ao adotar um padrão contábil comum, os países podem reduzir os custos para os analistas em monitoramento e avaliação do desempenho das empresas em todos os países. Além disso, a diversidade contábil poderia ser uma barreira para o investimento entre fronteiras. Desse modo, a adoção das IFRS pode gerar facilidade de investimento estrangeiro, melhoria na liquidez dos mercados de capitais e ampliação da base de investidores das empresas, proporcionando uma melhor divisão dos riscos e reduzindo o custo do capital (BRADSHAW; BUSHEE; MILLER, 2004).

Van Tendeloo e Vanstraelen (2005), por sua vez, afirmam que a adoção das IFRS sinaliza para o mercado o aumento na transparência e qualidade das demonstrações contábeis, necessários também para mitigar os problemas de agência. Tal fato é confirmado por Zeghal, Chtourou e Sellami (2011), segundo os quais as IFRS reduzem o gerenciamento de resultados. Assim, formula-se a segunda hipótese, a seguir:

H₂: A adoção das IFRS está negativamente relacionada com o gerenciamento de resultados.

Chang (2015), Nagar e Radhakrishnan (2015) e Nagar e Sen (2017) ensinam que, dependendo do estágio de ciclo de vida em que se encontra, a empresa pode realizar maior gerenciamento de resultados; logo, menos qualidade da informação contábil; podendo o crescimento ser o estágio com nível mais alto de gerenciamento de resultados (ANTHONY; RAMESH, 1992; MILLER; FRIESEN, 1984). Por outro lado, considerando-se que as IFRS apresentam um efeito positivo no mercado de capitais, diminuindo a assimetria e o custo de capital (LOURENÇO; BRANCO, 2015), e estão associadas a um aumento da qualidade da informação contábil, pode-se conjecturar que sua adoção reduz o gerenciamento de resultados (ISMAIL et al., 2013).

Destarte, se em determinado estágio de ciclo de vida há maior incidência de gerenciamento de resultados (CHANG, 2015; LIMA et al., 2015; NAGAR; RADHAKRISHNAN, 2015; NAGAR; SEN, 2017), esse resultado pode ser suavizado mediante adoção das IFRS, o que gera aumento na qualidade da informação contábil (ISMAIL et al., 2013; VAN TENDELOO; VANSTRAELEN, 2005; ZEGHAL; CHTOUROU; SELLAMI, 2011). Portanto, segundo a literatura, há uma interação dos estágios de ciclo de vida com a adoção das IFRS, na perspectiva do gerenciamento de resultados. A partir do exposto, formula-se a terceira hipótese, enunciada a seguir:

H₃: O ciclo de vida da empresa e a adoção das IFRS afetam o gerenciamento de resultados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utiliza-se uma população composta por todas as companhias abertas presentes na base de dados Compustat Global®. Foram excluídas as empresas pertencentes ao setor financeiro, por terem regulação e estrutura contábil próprios, razão por que sua permanência poderia prejudicar a análise dos dados; assim como as empresas que não divulgaram dados para

nenhuma das variáveis e para o período em análise. Após a adoção desses critérios, foram excluídas as observações dos países com menos de dez empresas por ano, assim como dos setores, baseado no estudo de Dechow, Sloan e Sweeney (1995). Foram, também, excluídos os *outliers*, por meio do algoritmo *Blocked Adaptive Computationally Efficient Outlier Nominators* (BACON) proposto por Billor, Hadi e Velleman (2000).

As informações utilizadas na mensuração do gerenciamento de resultados e dos estágios do ciclo de vida referem-se ao período de 2002 a 2016. Definiu-se esse período por se considerar que a implementação da Lei Sarbanes-Oxley, em 2002, nos EUA, gerou mudanças em práticas de governança corporativa e, conseqüentemente, na informação contábil, com reflexo nos demonstrativos contábeis de empresas de vários países (AHMED; NEEL; WANG, 2013; ZHANG, 2007). Os dados foram coletados na base de dados Compustat Global®, nos relatórios de adoção de IFRS por jurisdição, disponibilizados no endereço eletrônico da Fundação IFRS, na base de sistema legal disponibilizada no endereço eletrônico da JuriGlobe, e no Índice de Governança Mundial, disponibilizado no endereço eletrônico do Banco Mundial. Frise-se que, para realizar uma análise uniforme entre os países, fez-se uso de uma moeda comum para as variáveis monetárias, no caso o dólar americano.

Quanto às variáveis em estudo, primeiramente definiu-se a variável dependente, o gerenciamento de resultados baseado em *accruals*, que é definido pelo modelo de Jones (1991) modificado por Dechow, Sloan e Sweeney (1995). Esse modelo calcula os *accruals* discricionários, de modo que quanto maiores forem os *accruals* discricionários, maior será o gerenciamento, e, assim, mais baixa será a qualidade da informação contábil. A Equação 1 apresenta o modelo de Jones (1991) modificado por Dechow, Sloan e Sweeney (1995).

$$ACCT_{it} = \beta_0 + \beta_1 1/AT_{it-1} + \beta_2 (\Delta RECA - \Delta CR)_{it} + \beta_3 AI_{it+1} + \varepsilon_{it} \quad (\text{Equação 1})$$

Os *accruals* discricionários (DACC) representam os resíduos (ε_{it}) da Equação 1, de modo que quanto maior for o valor dos resíduos, maior será o gerenciamento de resultados.

O Quadro apresenta a descrição das variáveis utilizadas para o gerenciamento de resultados baseado em *accruals*, adotado no estudo, conforme descrito anteriormente.

Quadro 1 – Mensuração das variáveis de gerenciamento de resultados

Variável		Operacionalização
<i>Accruals</i> Totais	ACCT	$(\Delta AC - \Delta PC - \Delta CEC + \Delta DPC - \Delta DEP)/AT_{t-1}$ ΔAC : Variação do Ativo Circulante ΔPC : Variação do Passivo Circulante ΔCEC : Variação do Caixa e equivalentes de caixa ΔDPC : Variação de Dívidas no Passivo Circulante ΔDEP : Despesa de Depreciação AT : Ativo
Ativo defasado	AT_{t-1}	Ativo no período $t - 1$
Variação da Receita de Vendas	$\Delta RECA$	$(REC_t - REC_{t-1})/AT_{t-1}$ REC : Receita de Vendas
Variação de Contas a Receber	ΔCR	$(CR_t - CR_{t-1})/AT_{t-1}$ CR : Contas a Receber
Ativo Imobilizado	AI	AI/AT_{t-1}

Fonte: Dechow, Sloan e Sweeney (1995).

As variáveis independentes são: o Ciclo de Vida Organizacional (CVO) e a adoção das IFRS (IFRS). Para identificação dos estágios do ciclo de vida, utiliza-se a *proxy* proposta por Dickinson (2011), com base nos fluxos de caixa operacionais (FCO), de investimento (FCI) e de financiamento (FCF). Essa *proxy* é mensurada por meio da variação de sinais dos tipos de fluxo de caixa, o que resulta em oito combinações, que são atribuídas aos estágios, conforme explicita o Quadro .

Quadro 2 – Estágios do ciclo de vida organizacional

ESTÁGIO	Nascimento	Crescimento	Maturidade	Turbulência	Declínio
---------	------------	-------------	------------	-------------	----------

COMBINAÇÃO		(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
FLUXO DE CAIXA	Atividades Operacionais	-	+	+	-	+	+	-	-
	Atividades de Investimento	-	-	-	-	+	+	+	+
	Atividades de Financiamento	+	+	-	-	+	-	+	-

Fonte: Dickinson (2011).

Dessa forma, conforme mostra o Quadro , se, por exemplo, uma empresa possui os três tipos de fluxo de caixa (FCO, FCI e FCF), todos positivos ou todos negativos, ela se encontra no estágio de turbulência. Logo, os estágios de CVO são variáveis *dummies*, em que se atribuiu o valor “1” quando se atendeu à composição dos fluxos de caixa (operacional, investimentos e financiamentos) propostos por Dickinson (2011), e o valor nulo no caso contrário. Por conseguinte, é gerado um modelo para cada estágio do ciclo de vida.

A adoção das IFRS, por sua vez, representa uma variável binária, sendo atribuído o valor “1” a partir do ano inicial de adoção obrigatória de cada país e o valor nulo para os anos de não adoção das IFRS (exemplo: para os países europeus e a Austrália, o ano inicial de adoção das IFRS foi 2005; assim, foi atribuído o valor “1” para cada ano do período de 2005 a 2016, e o valor nulo para cada ano do período de 2002 a 2004).

Destaque-se que o controle das variáveis considerou dois aspectos: características da empresa (TAM, CRESV, ROA e END) e características do país (IGM e CRISE). Esses aspectos foram elencados com base na natureza do fenômeno analisado e nas particularidades decorrentes do estudo. O Quadro apresenta as variáveis de controle utilizadas, em nível de empresa e de país.

Quadro 3 – Variáveis de controle

Variável		Operacionalização	Base Teórica
Tamanho	TAM	Logaritmo Natural do Ativo	An, Li e Yu (2016) Dechow, Ge e Schrand (2010)
Crescimento	CRESV	Variação das Vendas Líquidas	Barth, Landsman e Lang (2008) Dechow, Ge e Schrand (2010) Jenkins, Kane e Velury (2004)
Retorno sobre o Ativo	ROA	Quociente entre Lucro Líquido e Ativo	Dechow, Ge e Schrand (2010) Dickinson (2011)
Endividamento	END	Quociente entre Dívida Total e Ativo	Dechow, Ge e Schrand (2010)
Índice de Governança Mundial	IGM	Variável criada pela Análise Fatorial das seis dimensões do IGM: (1) Voz e responsabilidade (2) Estabilidade política e ausência de violência/terrorismo (3) Eficácia do governo (4) Qualidade normativa (5) Regime de direito (6) Controle da corrupção	An, Li e Yu (2016) González e García-Meca (2014)
Crise Financeira	CRISE	Variável binária, atribuindo-se o valor “1” aos anos 2007, 2008 e 2009, e o valor nulo nos demais	Lima et al. (2015) Scott (2012)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Desse modo, a Equação 2 apresenta a relação entre o CVO, a adoção das IFRS (IFRS) e o gerenciamento de resultados (GR).

$$GR_{it} = \beta_0 + \beta_1 CVO_{it} + \beta_2 IFRS_t + \beta_3 (CVO_{it} \times IFRS_t) + \beta_n \Sigma(Controles E)_{it} + \beta_n \Sigma(Controles P)_{it} + \varepsilon_{it}$$

(Equação 2)

Ressalte-se que a principal variável de interesse é a interação do CVO com a adoção das IFRS (IFRS); logo, o β_3 refere-se à hipótese H₃. Como mencionado anteriormente, foram estimados cinco modelos, conforme explicita a Equação 2, variando apenas o estágio do CVO, que é uma variável *dummy*.

Foi estimada a regressão OLS para a Equação 1, por ano, setor e país, de acordo com Jones (1991); para a Equação 2, foram realizados testes para verificar a estimação (POLS, efeitos aleatórios ou efeitos fixos) que se adequa melhor. Frise-se que as variáveis contínuas foram *winsorizadas* no 1º e no 99º percentil para cada ano.

O presente estudo realiza teste de robustez e sensibilidade para verificar se os resultados se mantêm inalterados ao se mudar a variável dependente e a amostra. Nesse teste de robustez, foram utilizadas outras duas métricas de gerenciamento de resultados: a manipulação de atividades operacionais, conforme preconizam Cohen e Zarowin (2010), e a mudança de classificação, conforme recomendam Alfonso, Cheng e Pan (2015). No teste de sensibilidade, utilizou-se uma subamostra excluindo os países que isoladamente representam mais de 5% da amostra, e que juntos somam 65%: Austrália, Canadá, China, Estados Unidos, Índia, Japão e Reino Unido. Além disso, realizou-se um teste de sensibilidade por sistema jurídico (LEUZ; NANDA; WY SOCKI, 2003), verificando-se se nos países-sede que são de direito romano (*Civil Law*) os resultados se mantêm.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Para responder o problema de pesquisa e atender ao objetivo geral (investigar a influência dos estágios de ciclo de vida organizacional e da adoção das IFRS no gerenciamento de resultados), foram realizados testes, com base nos dados das 329.000 observações da amostra. Assim, primeiramente, efetua-se a análise descritiva para verificar o comportamento dos dados. A estatística descritiva apresentada na Tabela 1 traz o número de observações, os valores de média, desvio-padrão, máximo e mínimo para todas as variáveis em estudo.

Tabela 1 – Estatísticas descritivas

Variável	Número de Observações	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
DACC	329.000	-0,7190	23,6580	-100,4750	63,7608
Nascimento	329.000	0,1485	0,3556	0,0000	1,0000
Crescimento	329.000	0,2481	0,4319	0,0000	1,0000
Maturidade	329.000	0,4035	0,4906	0,0000	1,0000
Turbulência	329.000	0,1187	0,3235	0,0000	1,0000
Declínio	329.000	0,0695	0,2544	0,0000	1,0000
IFRS	329.000	0,4052	0,4909	0,0000	1,0000
TAM	329.000	6,8958	3,0868	-1,8905	14,8917
CRESV	329.000	0,2171	0,9238	-1,0000	9,8785
ROA	329.000	-0,0151	0,3922	-5,3529	0,4034
END	329.000	0,2476	0,2986	0,0000	3,3335
IGM	329.000	-0,0553	1,0123	-2,9947	1,4112
CRISE	329.000	0,2098	0,4071	0,0000	1,0000

Nota: DACC: *Accruals* Discricionários; IFRS: *International Financial Reporting Standards*; TAM: Tamanho; CRESV: Crescimento das Vendas; ROA: Retorno sobre o Ativo; END: Endividamento; IGM: Índice de Governança Mundial; CRISE: Crise financeira.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na Tabela 1, pode-se verificar o elevado desvio-padrão das variáveis, o que reflete o fato de que fazem parte da amostra empresas de características distintas. Esse fato revela ainda a heterogeneidade das empresas, particularidade dos modelos de dados em painel.

Observa-se que os *accruals* discricionários registram uma média negativa, demonstrando que os gestores podem optar pela manipulação que reduz o resultado e por uma contabilidade conservadora, que tende a subestimar o lucro e não induzir a erro os usuários de demonstrações financeiras (JACKSON, 2016).

Para as variáveis de CVO, identifica-se que 40,35% das empresas encontram-se no estágio de maturidade, seguido pelos estágios de crescimento, nascimento, turbulência e declínio, tal como explica Dickinson (2011). Desse modo, a maioria das empresas se caracteriza pela estabilidade (DICKINSON, 2011). Para a adoção de IFRS, nota-se que 40,52% das observações possuem emissão de relatórios em conformidade com as normas internacionais de contabilidade.

Quanto às variáveis de controle, verifica-se uma alta dispersão dos dados, com exceção para a variável tamanho (TAM), em que há baixa dispersão, e governança mundial (IGM). Ressalte-se, ainda, que o retorno sobre o Ativo (ROA) apresenta média negativa, demonstrando que, em média, as empresas têm baixa capacidade de gerar lucros a partir dos seus ativos.

Para verificar os efeitos do CVO e das IFRS no gerenciamento de resultados, foram utilizadas regressões com dados em painel, realizando-se teste de sensibilidade em função do sistema jurídico (ou sistema legal) e da maior representatividade dos países na amostra (não tabulado). Antes de se apresentar os resultados das regressões, elaborou-se uma correlação de Pearson entre gerenciamento de resultados, CVO e adoção das IFRS, conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2 – Correlação de Pearson

	DACC	NASC	CRESC	MATUR	TURB	DECLI	IFRS
DACC	1						
NASC	-0.02 ^(***)	1					
CRESC	0.01 ^(***)	-0.24 ^(***)	1				
MATUR	0.02 ^(***)	-0.34 ^(***)	-0.47 ^(***)	1			
TURB	-0.01 ^(***)	-0.15 ^(***)	-0.21 ^(***)	-0.30 ^(***)	1		
DECLI	-0.01 ^(***)	-0.11 ^(***)	-0.16 ^(***)	-0.22 ^(***)	-0.10 ^(***)	1	
IFRS	-0.19 ^(***)	0.05 ^(***)	-0.02 ^(***)	-0.03 ^(***)	0.02 ^(***)	0.0121 ^(***)	1

Nota: DACC: *Accruals* Discricionários; NASC: Estágio Nascimento; CRESC: Estágio Crescimento; MATUR: Estágio Maturidade; TURB: Estágio Turbulência; DECLI: Estágio Declínio; IFRS: *International Financial Reporting Standards*.

(***) Significância ao nível de 1%.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Por meio da Tabela 2, percebe-se que as variáveis de interesse são correlacionadas entre si, e que o gerenciamento de resultados (DACC) é negativamente correlacionado com os estágios de nascimento, turbulência e declínio, assim como com o padrão contábil IFRS. Considerando-se esse resultado, pode-se afirmar que as hipóteses H₁ e H₂ não seriam rejeitadas.

A Tabela 3 apresenta os resultados da relação entre os *accruals* discricionários, os estágios do CVO e o padrão contábil IFRS.

Tabela 3 – Relação entre os *accruals* discricionários, estágios do ciclo de vida e padrão contábil IFRS

<i>Accruals</i> discricionários	Nascimento	Crescimento	Maturidade	Turbulência	Declínio
CVO	0.466 ^(***)	0.149 ^(**)	-0.134 ^(**)	-0.434 ^(***)	0,133
	-0,09	-0,07	-0,06	-0,09	-0,12
IFRS	-0.322 ^(***)	-0.366 ^(***)	-0.322 ^(***)	-0.387 ^(***)	-0.329 ^(***)
	-0,11	-0,11	-0,12	-0,11	-0,11
CVO*IFRS	-0,119	0,04	-0,065	0.422 ^(***)	-0.512 ^(***)
	-0,15	-0,11	-0,1	-0,14	-0,19
TAM	-1.109 ^(***)	-1.109 ^(***)	-1.104 ^(***)	-1.107 ^(***)	-1.108 ^(***)
	-0,03	-0,03	-0,03	-0,03	-0,03

CRESV	0.087 ^(*)	0.092 ^(*)	0.095 ^(*)	0.098 ^(*)	0.103 ^(**)
	-0,05	-0,05	-0,05	-0,05	-0,05
ROA	3.830 ^(***)	3.666 ^(***)	3.777 ^(***)	3.681 ^(***)	3.677 ^(***)
	-0,21	-0,21	-0,21	-0,2	-0,21
END	-1.973 ^(***)	-1.947 ^(***)	-1.960 ^(***)	-1.926 ^(***)	-1.921 ^(***)
	-0,14	-0,14	-0,14	-0,14	-0,14
IGM	-13.413 ^(***)	-13.413 ^(***)	-13.422 ^(***)	-13.405 ^(***)	-13.405 ^(***)
	-0,24	-0,24	-0,24	-0,24	-0,24
CRISE	-11.596 ^(***)	-11.598 ^(***)	-11.595 ^(***)	-11.595 ^(***)	-11.596 ^(***)
	-0,02	-0,02	-0,02	-0,02	-0,02
Intercepto	9.111 ^(***)	9.145 ^(***)	9.194 ^(***)	9.205 ^(***)	9.159 ^(***)
	-0,19	-0,19	-0,19	-0,19	-0,19
R2	0,154	0,154	0,154	0,154	0,154
Teste F	39.274,39 ^(***)	39.282,63 ^(***)	39.299,56 ^(***)	39.257,45 ^(***)	39.292,65 ^(***)
Nº de					
Observações	317.998	317.998	317.998	317.998	317.998

Nota: DACC: *Accruals* Discricionários; CVO: Ciclo de Vida Organizacional – nascimento, crescimento, maturidade, turbulência e declínio; IFRS: *International Financial Reporting Standards*; TAM: Tamanho; CRESV: Crescimento das Vendas; ROA: Retorno sobre o Ativo; END: Endividamento; IGM: Índice de Governança Mundial; CRISE: Crise financeira.

(***) Significância ao nível de 1%; (**) Significância ao nível de 5%; (*) Significância ao nível de 10%.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como pode ser observado na Tabela 3, a acumulação de *accruals* discricionários é afetada positivamente pelos estágios de nascimento e crescimento. Esse resultado confirma os preceitos de Black (1998), Chang (2015) e Park e Chen (2006) de que as empresas em nascimento e crescimento gerenciam mais seus resultados, pois necessitam de financiamento de capital de giro para investir em seus ativos e por ser caracterizados por altas taxas de retorno.

Mediante análise da Tabela 3, nota-se que as empresas no estágio de maturidade apresentam relação negativa, com significância de 1%, com acumulação de *accruals*, indicando que, nesse estágio, caracterizado pela geração de maiores lucros, as empresas tendem a gerenciar menos seus resultados por *accruals*, já que desejam manter os níveis de rentabilidade (DICKINSON, 2011).

As empresas no estágio de turbulência apresentam relação negativa (significância de 1%) com a acumulação de *accruals*. Drake (2012) afirma que nesse estágio, os gestores buscam maior eficiência estratégica, enquanto Dickinson (2011) considera que nesse estágio as empresas geralmente se encontram em fase de liquidação. Assim, os resultados apoiam a necessidade dos gestores de reportar melhores resultados para uma favorável negociação de seus ativos.

Verifica-se, ainda, que o estágio de declínio não apresentou relação significativa com o gerenciamento por *accruals*.

Quanto à variável independente IFRS, verifica-se que as empresas que adotaram o padrão IFRS engajaram-se menos em práticas de gerenciamento de resultados. Esse resultado está de acordo com os achados de Van Tendeloo e Vanstraelen (2005) e Zeghal, Chtourou e Sellami (2011).

Ao se analisar a variável interativa CVO*IFRS, observa-se que somente nos estágios de turbulência e declínio apresentou-se relação significativa. As empresas em estágio de turbulência, ao adotar IFRS, passam a gerenciar mais seus resultados por *accruals*, já que se encontram em transição de um estágio para outro (DICKINSON, 2011), podendo, assim, precisar fazer uso do gerenciamento para tentar estabilizar-se. As empresas no estágio de declínio e que adotam IFRS gerenciam menos os resultados, indicando o fator IFRS com maior poder explicativo para o gerenciamento por *accruals* do que para o estágio do ciclo de vida, já que a variável interativa apresentou o mesmo sinal que a variável IFRS.

Observou-se ainda que a variável interativa CVO*IFRS capta o efeito conjunto da adoção das IFRS e do estágio de crescimento.

Assim, os resultados obtidos corroboram os estudos de Chang (2015), Lima et al. (2015), Nagar e Radhakrishnan (2015) e Nagar e Sen (2017) e Park e Chen (2006). Contudo, os resultados das regressões não permitem rejeitar a primeira hipótese (H_1), de que o estágio do ciclo de vida da empresa está relacionado com o gerenciamento de resultados, confirmando-se os resultados dos testes apresentados na Tabela 2.

Com base nos resultados apresentados, também se confirma a não rejeição da segunda hipótese (H_2), em que a adoção das IFRS está negativamente relacionada com o gerenciamento de resultados. Esses resultados corroboram os preceitos de Jeanjean e Stolowy (2008), Rathke et al. (2016), Van Tendeloo e Vanstraelen (2005), Zang (2012) e Zeghal, Chtourou e Sellami (2011).

Considerando-se que a variável interativa é significativa nos estágios de turbulência e declínio, também não se rejeita a terceira hipótese (H_3). Percebe-se, portanto, que a adoção das IFRS constitui um fator redutor de práticas de gerenciamento de resultados quando as empresas encontram-se no estágio de declínio; contudo, no estágio de turbulência, as IFRS não inibem o gerenciamento de resultados, sugerindo que a instabilidade então ocorrente tem maior efeito no gerenciamento de resultados do que os benefícios da adoção das IFRS.

Quanto aos controles, observa-se que o crescimento das vendas (CRESV) e o desempenho empresarial (ROA) apresentam significância positiva de até 1% com *accruals* discricionários, de maneira que quanto maiores forem o crescimento das vendas e o desempenho da empresa, maior será a acumulação de *accruals* discricionários. Por outro lado, as variáveis de controle tamanho (TAM) e endividamento (END) apresentam significância negativa de até 1% com *accruals* discricionários, ou seja, quanto maiores forem o tamanho e o endividamento da empresa, menor será a acumulação de *accruals* discricionários. Note-se, ainda, que as empresas de países com alta governança nacional (representada pelo IGM) gerenciam menos os resultados, além de que, no período de crise financeira (2007 a 2009), as empresas se engajaram menos em práticas de gerenciamento de resultados. Destaque-se que esse resultado é semelhante para todos os estágios do CVO.

Frise-se que foram realizados testes de robustez e sensibilidade, os quais não foram tabulados. Para o teste de robustez, utilizou-se o gerenciamento de resultados por manipulação de atividades operacionais e mudança de classificação. Já para o teste de sensibilidade, utilizou-se uma subamostra retirando os países que, individualmente, representavam mais de 5% da amostra – Austrália, Canadá, China, Estados Unidos, Índia, Japão e Reino Unido –, e que juntos somavam 65% da amostra, e, uma subamostra de empresas de países que adotam o direito romano (*Civil Law*).

Para o gerenciamento de resultados por manipulação de atividades operacionais, os resultados foram semelhantes aos encontrados no modelo de *accruals* discricionários para os estágios de nascimento, crescimento e maturidade, sendo que o estágio de turbulência não foi significativo, enquanto o estágio de declínio apresentou relação positiva com o gerenciamento de resultados por manipulação das atividades operacionais. Assim como no modelo de *accruals* discricionários, as IFRS apresentaram uma relação negativa com o gerenciamento de resultados por manipulação das atividades operacionais. Quanto à variável interativa CVO*IFRS, o resultado foi semelhante ao encontrado para o modelo do estágio de declínio, apresentando uma relação negativa com o gerenciamento de resultados; assim, as empresas no estágio de declínio e que adotam as IFRS gerenciam menos resultados por manipulação das atividades operacionais.

Por sua vez, para o gerenciamento de resultados por mudança de classificação, assim como no modelo de *accruals* discricionários, as IFRS apresentaram uma relação negativa com o gerenciamento de resultados por mudança de classificação. Quanto às variáveis do CVO,

apenas a maturidade e o declínio apresentaram uma relação significativa com o gerenciamento de resultados, sendo ambas positivas, divergindo do resultado encontrado no modelo de *accruals* discricionários.

Como o gerenciamento de resultados por mudança de classificação não altera o lucro líquido nem o fluxo de caixa da empresa, isso pode explicar a divergência com o resultado encontrado no modelo de *accruals* discricionários. Quanto à variável interativa CVO*IFRS, os resultados foram semelhantes aos encontrados no modelo de *accruals* discricionários, mas também foram mais amplos ao encontrar significância nos modelos dos estágios de nascimento, com relação negativa, e no estágio maturidade, com relação positiva.

Quanto aos testes de sensibilidade, utilizando-se apenas os países que individualmente representam menos de 5% da amostra, verificou-se que os resultados foram semelhantes para as variáveis dos estágios de crescimento e maturidade, para a variável IFRS e para a variável interativa CVO*IFRS do modelo do estágio de declínio. E, para a subamostra de empresas de países que adotam o sistema legal de direito romano (*Civil Law*), observou-se que os resultados foram semelhantes para as variáveis dos estágios de nascimento, maturidade e turbulência, para a variável IFRS e para a variável interativa CVO*IFRS do modelo do estágio de declínio.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo se propôs identificar a influência dos estágios de ciclo de vida organizacional e da adoção das IFRS no gerenciamento de resultados de uma amostra reunindo 329.000 observações, referentes ao período de 2002 a 2016, de empresas de 63 países.

Os resultados demonstraram que a maioria das empresas se encontra no estágio de maturidade, significando dizer que elas estão em período de estabilidade. Além disso, verificou-se que, no geral, as empresas utilizam práticas de gerenciamento de resultados com aspecto conservador.

Ademais, observou-se que os dois estágios iniciais de vida organizacional (nascimento e crescimento) têm relação positiva com o gerenciamento de resultados, indicando que nesses estágios as empresas precisam apresentar melhor resultado a seus investidores, para, assim, captar mais recursos; logo, nesses dois estágios as empresas utilizam práticas agressivas de gerenciamento de resultados. Por sua vez, o estágio de maturidade mostrou uma relação negativa com o gerenciamento de resultados; assim, as empresas tenderiam a usar o gerenciamento de resultados de forma mais conservadora, haja vista que já possuem estabilidade no mercado e dispõem de recursos para se financiar. O estágio de turbulência apresentou o mesmo resultado que o estágio de maturidade, sugerindo que nesses dois estágios as empresas estão tentando garantir a sobrevivência ou focando em reestruturação, sendo muito incertas as atitudes dos gestores quanto às práticas de gerenciamento de resultados.

Os resultados da pesquisa seguem ainda em conformidade com o principal objetivo da IFRS Foundation (2018) – voltado para um padrão contábil de alta qualidade, compreensível, executável e globalmente aceito; assim, as informações financeiras seriam de alta qualidade, transparentes e comparáveis nas demonstrações financeiras e em outros relatórios financeiros, para ajudar os investidores e *stakeholders* – já que apresentaram uma relação negativa com o gerenciamento de resultados.

Quando observado o efeito conjunto do estágio do CVO e da adoção do padrão contábil IFRS, nota-se que ele foi significativo apenas nos estágios de turbulência e declínio. Percebe-se, portanto, que os benefícios da adoção do padrão contábil IFRS é relevante para o estágio de declínio, durante o qual as empresas tenderiam a utilizar o gerenciamento de resultados para aumentar seus lucros, por se encontrar a mais tempo no mercado (BLACK,

1998; MUELLER, 1972). Contudo, se essas empresas são sediadas em países que adotam as IFRS, o resultado é inverso.

Esses resultados não levam à rejeição de nenhuma das três hipóteses de pesquisas; portanto, o CVO e as IFRS, assim como o efeito conjunto de ambas as variáveis, têm relação com o gerenciamento de resultados por *accruals* discricionários. Frise-se, ainda, que a maioria dos resultados manteve-se constante ao utilizar o gerenciamento de resultados por manipulação de atividades operacionais e por mudança de classificação, em vez de *accruals* discricionários, e também ao se excluir da amostra as empresas da Austrália, do Canadá, da China, dos Estados Unidos, da Índia, do Japão e do Reino Unido, ou ao se excluir os países que possuem direito consuetudinário (*Common Law*).

Considerando-se que a Teoria da Agência sugere que os gestores tenderiam a maximizar os seus interesses em vez de maximizar os dos investidores, o presente estudo demonstra que, a depender do ciclo de vida em que se encontra a empresa, os gestores teriam essa característica mais acentuada devido às pressões recebidas pelas empresas em determinados estágios. Entretanto, ao adotar um padrão de informação contábil de qualidade, no caso as IFRS, essa prática seria atenuada.

Apesar de o estudo procurar reduzir suas limitações ao realizar testes de robustez e de sensibilidade, ainda enfrentou vulnerabilidade, especialmente devido à ausência de mais variáveis relevantes. Como a amostra é muito grande e contempla empresas de diversos países, outros fatores podem influir, os quais não foram considerados, tais como a cultura nacional e o setor econômico. Dessa forma, para pesquisas futuras, sugerem-se análises por contexto cultural, observando se as características culturais de cada país influenciam a relação entre o gerenciamento de resultados e o CVO, além de analisar o efeito de setores competitivos nessa relação. Também sugere-se analisar a relação entre a mudança do estágio do CVO e o gerenciamento de resultados, pois os gestores poderiam utilizar o gerenciamento de resultados para alcançar determinados estágios.

REFERÊNCIAS

- AHMED, A. S.; NEEL, M.; WANG, D. Does mandatory adoption of IFRS improve accounting quality? Preliminary evidence. **Contemporary Accounting Research**, v. 30, n. 4, p. 1344-1372, 2013.
- AKERLOF, G. A. The market for "lemons": quality uncertainty and the market mechanism. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 84, n. 3, p. 488-500, 1970.
- ALFONSO, E.; CHENG, C. A.; PAN, S. Income classification shifting and mispricing of core earnings. **Journal of Accounting, Auditing & Finance**, v. 0, n. 0, p. 1-32, 2015.
- AN, Z.; LI, D.; YU, J. Earnings management, capital structure, and the role of institutional environments. **Journal of Banking & Finance**, v. 68, n. 0, p. 131-152, 2016.
- ANTHONY, J. H.; RAMESH, K. Association between accounting performance measures and stock prices: a test of the life cycle hypothesis. **Journal of Accounting and Economics**, v. 15, n. 2-3, p. 203-227, 1992.
- BALL, R. International Financial Reporting Standards (IFRS): pros and cons for investors. **Accounting and Business Research**, v. 36, n. sup1, p. 5-27, 2006.
- _____; KOTHARI, S. P.; ROBIN, A. The effect of international institutional factors on properties of accounting earnings. **Journal of Accounting and Economics**, v. 29, n. 1, p. 1-51, 2000.
- BARCLAY, M. J.; SMITH, C.W. The capital structure puzzle: the evidence revisited. **Journal of Applied Corporate Finance**, v. 17, n. 1, p. 8-17, 2005.
- BARTH, M. E.; LANDSMAN, W. R.; LANG, M. H. International accounting standards and accounting quality. **Journal of Accounting Research**, v. 46, n. 3, p. 467-498, 2008.

BERLE, A.; MEANS, G. **The modern corporation and private propriety**. New York: Macmillan, 1932.

BILLOR, N.; HADI, A. S.; VELLEMAN, P. F. BACON: blocked adaptive computationally efficient outlier nominators. **Computational Statistics & Data Analysis**, v. 34, n. 3, p. 279-298, 2000.

BLACK, E. L. Life-cycle impacts on the incremental value-relevance of earnings and cash flow measures. **Journal of Financial Statement Analysis**, v. 4, n. 1, p. 40-57, 1998.

BRADSHAW, M. T.; BUSHEE, B. J.; MILLER, G. S. Accounting choice, home bias, and US investment in non US firms. **Journal of Accounting Research**, v. 42, n. 5, p. 795-841, 2004.

CHANG, H. S. **Firm life cycle and detection of accrual-based earnings manipulation**. 2015. 69 f. Tese (Doutorado em Contabilidade) – University of Illinois at Urbana-Champaign, IL, United States of America.

CHOI, J.; CHOI, W.; LEE, E. Corporate life cycle and earnings benchmarks. **Australian Accounting Review**, v. 26, n. 4, p. 415-428, 2016.

COHEN, D. A.; ZAROWIN, P. Accrual-based and real earnings management activities around seasoned equity offerings. **Journal of Accounting and Economics**, v. 50, n. 1, p. 2-19, 2010.

DECHOW, P. M.; GE, W.; SCHRAND, C. Understanding earnings quality: a review of the proxies, their determinants and their consequences. **Journal of Accounting and Economics**, v. 50, n. 2, p. 344-401, 2010.

_____; SKINNER, D. J. Earnings management: reconciling the views of accounting academics, practitioners, and regulators. **Accounting Horizons**, v. 14, n. 2, p. 235-250, 2000.

_____; SLOAN, R. G.; SWEENEY, A. P. Detecting earnings management. **The Accounting Review**, v. 70, n. 2, p. 193-225, 1995.

DICHEV, I.; GRAHAM, J.; HARVEY, C. Earnings quality: evidence from the field. **Journal of Accounting and Economics**, v. 56, n. 2, p. 1-33, 2013.

DICKINSON, V. Cash flow patterns as a proxy for firm life cycle. **The Accounting Review**, v. 86, n. 6, p. 1969-1994, 2011.

DRAKE, K. **Does firm life cycle explain the relation between book-tax differences and earnings persistence?** 2012. 67 f. Tese (Doutorado em Contabilidade) – Arizona State University, Arizona, United States of America.

GONZÁLEZ, J. S.; GARCÍA-MECA, E. Does corporate governance influence earnings management in Latin American markets? **Journal of Business Ethics**, v. 121, n. 3, p. 419-440, 2014.

GORT, M.; KLEPPER, S. Time paths in the diffusion of product innovations. **The Economic Journal**, v. 92, n. 367, p. 630-653, 1982.

HEALY, P. Discussion of a market-based evaluation of discretionary accrual models. **Journal of Accounting Research**, v. 34, n. Supplement, p. 107-115, 1996.

_____; WAHLEN, J. M. A review of the earnings management literature and its implications for standard setting. **Accounting Horizons**, v. 13, n. 4, p. 365-383, 1999.

_____; PALEPU, K. G. Information asymmetry, corporate disclosure, and the capital markets: A review of the empirical disclosure literature. **Journal of Accounting and Economics**, v. 31, n. 1-3, p. 405-440, 2001.

IFRS FOUNDATION. **Objectives of the IFRS Foundation**. 2018. Disponível em: <<https://www.iasplus.com/en/resources/ifrsf/governance/ifrsf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

ISMAIL, W. A. W.; KAMARUDIN, K. A.; ZIJL, T.; DUNSTAN, K. Earnings quality and the adoption of IFRS-based accounting standards: evidence from an emerging market. **Asian Review of Accounting**, v. 21, n. 1, p. 53-73, 2013.

JACKSON, A. B. Discretionary accruals: earnings management... or not? **Abacus**, v. 0, n. 0, p. 1-18, 2016.

JEANJEAN, T.; STOLOWY, H. Do accounting standards matter? An exploratory analysis of earnings management before and after IFRS adoption. **Journal of Accounting and Public Policy**, v. 27, n. 6, p. 480-494, 2008.

JENKINS, D. S.; KANE, G. D.; VELURY, U. The impact of the corporate life-cycle on the value-relevance of disaggregated earnings components. **Review of Accounting and Finance**, v. 3, n. 4, p. 5-20, 2004.

JENSEN, M. C.; MECKLING, W. H. Theory of the firm: managerial behavior, agency costs and ownership structure. **Journal of Financial Economics**, v. 3, n. 4, p. 305-360, 1976.

JONES, J. J. Earnings management during import relief investigations. **Journal of Accounting Research**, v. 29, n. 2, p. 193-228, 1991.

LEUZ, C.; NANDA, D.; WYSOCKI, P. D. Earnings management and investor protection: an international comparison. **Journal of Financial Economics**, v. 69, n. 3, p. 505-527, 2003.

LIMA, A. S.; CARVALHO, E. V. A.; PAULO, E.; GIRÃO, L. F. A. P. Estágios do ciclo de vida e qualidade das informações contábeis no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, n. 3, p. 398-418, 2015.

LOURENÇO, I. M. E. C.; BRANCO, M. E. M. A. D. C. Principais consequências da adoção das IFRS: análise da literatura existente e sugestões para investigação futura. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, n. 68, p. 126-139, 2015.

MILLER, D.; FRIESEN, P. H. A longitudinal study of the corporate life cycle. **Management Science**, v. 30, n. 10, p. 1161-1183, 1984.

MOORES, K.; YUEN, S. Management accounting systems and organizational configuration: a life-cycle perspective. **Accounting, Organizations and Society**, v. 26, n. 4, p. 351-389, 2001.

MUELLER, D. C. A life cycle theory of the firm. **The Journal of Industrial Economics**, v. 20, n. 3, p. 199-219, 1972.

MULFORD, C.W.; COMISKEY, E. E. **The financial numbers game: detecting creative accounting practices**. New York: John Willey Trade, 2002.

NAGAR, N.; RADHAKRISHNAN, S. Firm life cycle and real-activity based earnings management. **Working Paper SSRN**, 2015.

_____; SEN, K. Classification shifting: impact of firm life cycle. **Journal of Financial Reporting and Accounting**, v. 15, n. 2, p. 180-197, 2017.

PARK, Y.; CHEN, K. H. The effect of accounting conservatism and life-cycle stages on firm valuation. **Journal of Applied Business Research (JABR)**, v. 22, n. 3, p. 75-92, 2006.

RATHKE, A. A. T.; SANTANA, V. F.; LOURENÇO, I. M. E. C.; DALMÁCIO, F. Z. International financial reporting standards and earnings management in Latin America. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 20, n. 3, p. 368-388, 2016.

SCOTT, W. R. **Financial accounting theory**. Toronto: Prentice Hall, 2012.

SILVOLA, H. Do organizational life-cycle and venture capital investors affect the management control systems used by the firm? **Advances in Accounting**, v. 24, n. 1, p. 128-138, 2008.

VAN TENDELOO, B.; VANSTRAELEN, A. Earnings management under German GAAP versus IFRS. **European Accounting Review**, v. 14, n. 1, p. 155-180, 2005.

YAN, Z.; ZHAO, Y. A new methodology of measuring firm life-cycle stages. **International Journal of Economic Perspectives**, v. 4, n. 4, p. 579 - 587, 2010.

ZANG, A. Y. Evidence on the trade-off between real activities manipulation and accrual-based earnings management. **The Accounting Review**, v. 87, n. 2, p. 675-703, 2012.

ZEGHAL, D.; CHTOUROU, S.; SELLAMI, Y. M. An analysis of the effect of mandatory adoption of IAS/IFRS on earnings management. **Journal of International Accounting, Auditing and Taxation**, v. 20, n. 2, p. 61-72, 2011.

ZHANG, I. X. Economic consequences of the Sarbanes–Oxley Act of 2002. **Journal of Accounting and Economics**, v. 44, n. 1-2, p. 74-115, 2007.